



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 01/11/2019 a 07/11/2019

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
01/11/2019	9,24	303,90	31,03	5,16	3,89
04/11/2019	9,25	302,40	31,87	5,09	3,83
05/11/2019	9,21	302,70	31,57	5,15	3,81
06/11/2019	9,15	298,90	31,75	5,16	3,78
07/11/2019	9,25	305,60	31,43	5,12	3,75
Média	9,22	302,70	31,53	5,14	3,81

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	84,13	-0,44
RS - Santa Rosa	83,88	-0,33
RS - Ijuí	83,88	-0,33
PR - Cascavel	83,81	0,19
MT - Rondonópolis	81,50	1,31
MS - Ponta Porã	82,63	2,39
GO - Rio Verde (CIF)	81,00	2,02
BA - Barreiras (CIF)	78,88	0,61
MILHO		
Argentina (FOB)**	165,50	2,80
Paraguai (FOB)**	122,50	0,00
Paraguai (CIF)**	169,25	0,68
RS - Erechim	43,31	-0,20
SC - Chapecó	41,50	-0,48
PR - Cascavel	38,94	1,14
PR - Maringá	38,94	0,10
MT - Rondonópolis	31,88	-2,52
MS - Dourados	34,06	0,48
SP - Mogiana	41,50	-1,43
SP - Campinas (CIF)	43,31	-1,34
GO - Goiânia	36,25	0,97
MG - Uberlândia	40,38	1,96
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	715,00	-0,69
RS - Santa Rosa	715,00	-0,69
PR - Maringá	860,00	0,00
PR - Cascavel	850,00	0,00

Período: 07/11/2019

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 07/11/2019

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	34,18	76,96	35,52

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 07/11/2019

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	44,98
Feijão (saco 60 Kg)	141,56
Sorgo (saco 60 Kg)	27,63
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,67
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,27**
Boi gordo (Kg vivo)*	5,37

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, oscilaram bastante neste início de novembro. O primeiro mês cotado fechou a semana, na quinta-feira (07/11), em US\$ 9,25/bushel, contra US\$ 9,16 uma semana antes. A média de outubro ficou igualmente em US\$ 9,25, contra US\$ 8,77/bushel em setembro, fato que acusa uma recuperação das cotações na medida em que foi se consolidando a quebra da safra estadunidense e a consagração de um acordo comercial entre EUA e China.

O recuo desta semana se deu em função das expectativas do novo relatório de oferta e demanda do USDA, o qual será divulgado neste dia 08/11 (o mesmo será analisado em nosso próximo boletim). O mercado, diante da melhoria das lavouras a colher nos EUA, não descarta uma pequena revisão para cima nos números finais de safra estadunidense. De forma geral, o mercado esperava que o relatório de oferta e demanda do dia 08/11 indicasse um volume de produção nos EUA de 95,6 milhões de toneladas e estoques finais, para 2019/20, em 11,7 milhões. Quanto aos estoques finais mundiais, o mercado aguardava um aumento para 110,3 milhões de toneladas no ano 2018/19 e um volume de 95 milhões em 2019/20.

Por sua vez, a colheita de soja nos EUA avança para o final. Até o dia 03/11 a mesma atingia a 75% da área, contra 87% na média histórica para esta data. O clima seco desta corrente semana permitiu um avanço mais expressivo desta colheita, o qual deverá aparecer nas estatísticas a serem anunciadas no próximo dia 11/11.

Por outro lado, a China começa a apresentar dúvidas quanto a conclusão de um acordo comercial amplo com os EUA. Esta chamada “Fase Um” do acordo abarcaria 60% de todo o comércio entre os dois países, porém, o fato de não haver um novo local para a assinatura do mesmo (após o cancelamento da reunião da APEC no Chile) e, principalmente, a desconfiança chinesa quanto as ações do presidente estadunidense Donald Trump, acabaram esfriando um pouco o mercado. Ajudou para isso a informação que, se assinatura houver, a mesma ocorrerá apenas em dezembro e pode frustrar parcialmente as expectativas iniciais.

Pelo lado concreto do mercado, as exportações líquidas estadunidenses de soja, para o ano 2019/20, iniciado em 1º de setembro, somaram 943.600 toneladas na semana encerrada em 24/10. Isso representa um recuo de 39% sobre a média das quatro semanas anteriores. O maior comprador foi a China com 481.000 toneladas. O volume ficou dentro do esperado pelo mercado. Já as inspeções de exportação somaram 1,48 milhão de toneladas na semana encerrada em 31/10, superando igualmente o esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial o volume alcança 9,55 milhões de toneladas, contra 8,62 milhões no mesmo período do ano anterior.

No Brasil, diante de um câmbio que revalorizou o Real, e de prêmios estáveis, o pequeno recuo em Chicago trouxe novamente para baixo os preços médios da soja. De fato, o Real oscilou, na semana, entre R\$ 3,98 e R\$ 4,08, voltando a romper o piso dos R\$ 4,00 em alguns momentos. Por sua vez, os prêmios nos portos oscilaram entre US\$ 0,75 e US\$ 0,95/bushel.

Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 76,96/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 84,00 e R\$ 84,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes

giraram entre R\$ 74,50 em Sorriso (MT) até R\$ 85,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 85,00 no norte do Paraná, R\$ 83,50 no oeste do Paraná, R\$ 77,00 em São Gabriel (MS) e Uruçuí (PI), R\$ 78,00 em Goiatuba (GO), e R\$ 76,00/saco em Pedro Afonso (TO).

A futura produção sul-americana de soja está projetada em 194 milhões de toneladas, contra 189 milhões no ano anterior. Deste total, o Brasil deverá produzir, em clima normal, 125,7 milhões de toneladas, sobre uma área a ser semeada de 36,9 milhões de hectares. Até o dia 1º de novembro o plantio nacional atingia a 44% da área esperada, contra 40% na média histórica para esta época. Em relação aos quatro principais Estados produtores, o Mato Grosso chegava a 82% da área semeada, o Paraná 68%, o Rio Grande do Sul 14% e Goiás 30%. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 17/10/2019 a 07/11/2019.

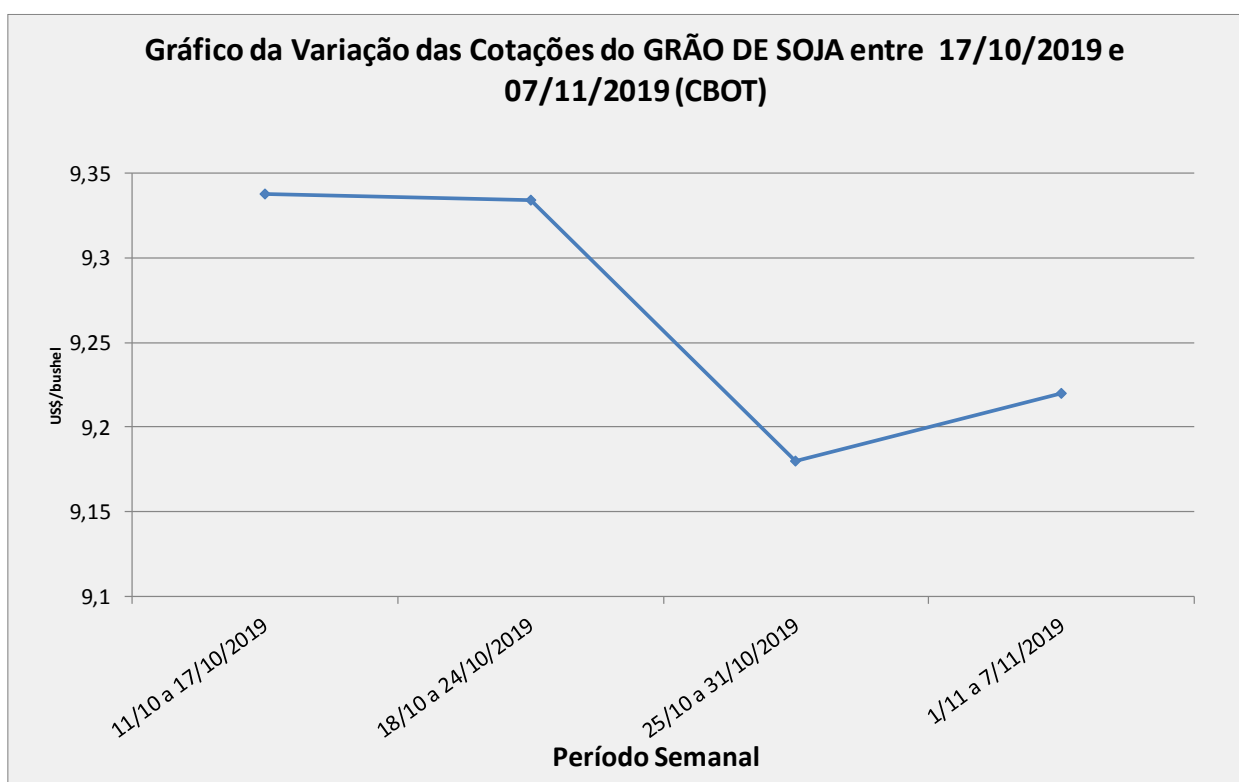


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 17/10 e 07/11/2019 (CBOT)

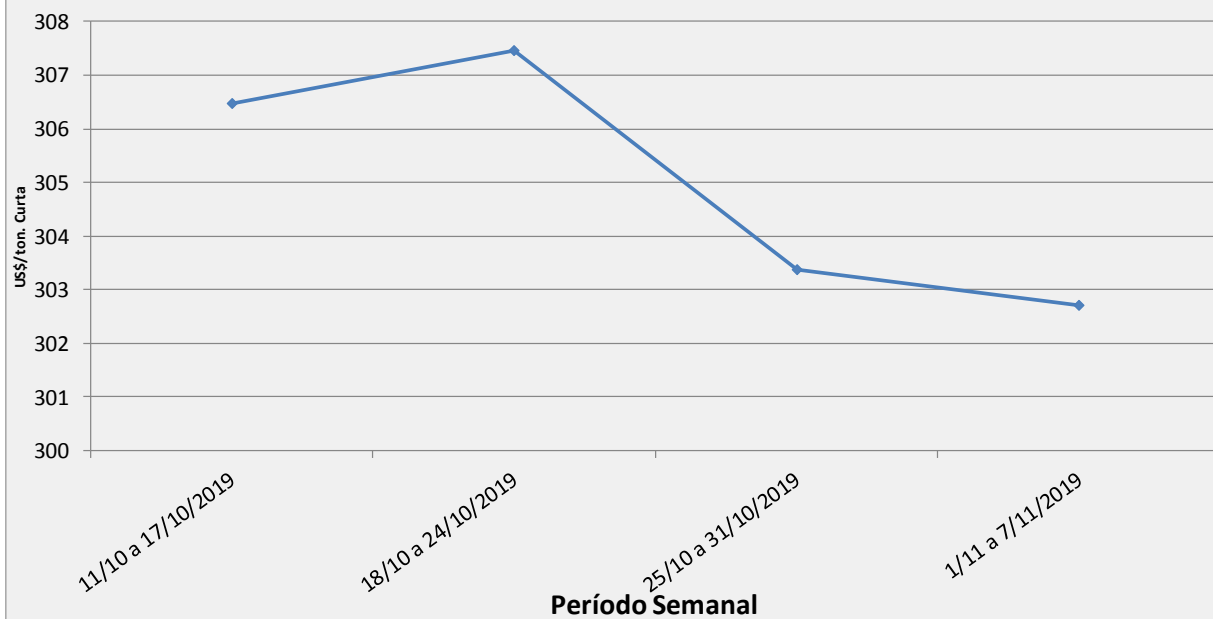
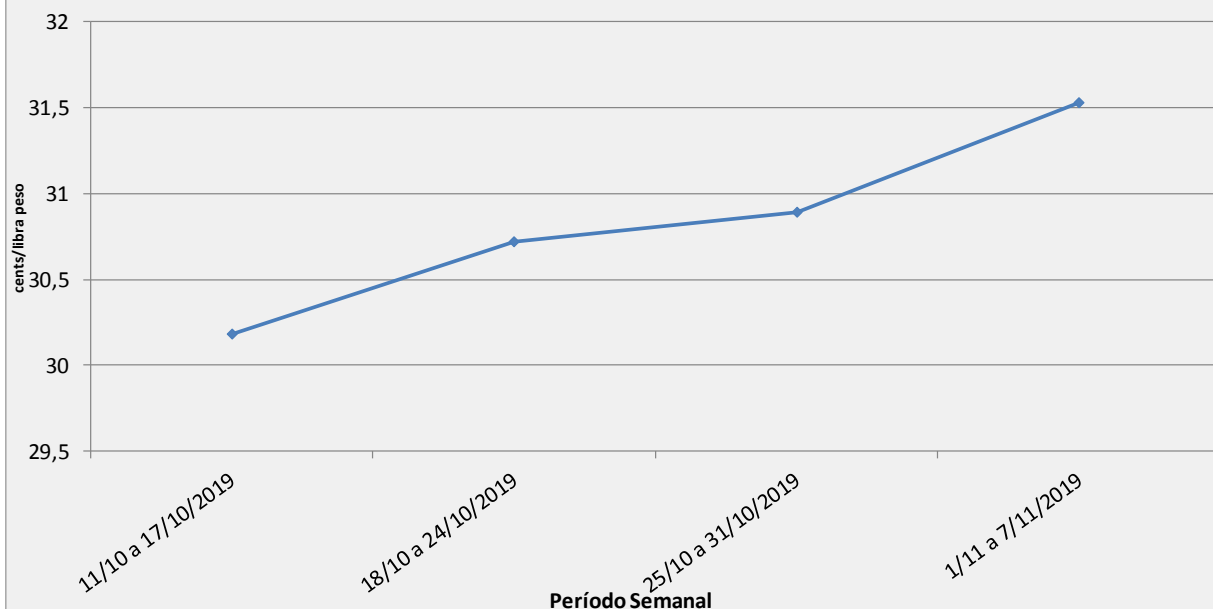


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 17/10 e 07/11/2019 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago apresentaram um viés de baixa nesta primeira semana de novembro. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou o dia 07/11 (quinta-feira) em US\$ 3,75, contra US\$ 3,90 uma semana antes. A média de outubro ficou em US\$ 3,89, contra US\$ 3,62/bushel em setembro.

A colheita de milho nos EUA, até o dia 03/11, atingia a 52% da área, contra 75% na média histórica, apresentando um ritmo menor do que o da soja. O clima frio, com geadas, tem atrasado a colheita e até levado a perdas de qualidade do milho.

Po sua vez, as vendas líquidas de milho por parte dos EUA, para o ano comercial 2019/20, iniciado em 1º de setembro, somaram 549.100 toneladas na semana encerrada em 24/10. Isso representa um avanço de 29% sobre a média das quatro semanas anteriores. O volume exportado ficou dentro do esperado pelo mercado.

Por outro lado, o mercado pesou as incertezas quanto a assinatura do acordo comercial entre EUA e China, tendo caído mal a possibilidade de transferência da mesma para dezembro.

Enfim, o mercado esperava o relatório de oferta e demanda do dia 08/11, o qual abordaremos com atenção em nosso próximo comentário.

Na Argentina, a tonelada FOB de milho fechou a semana em US\$ 165,00 e no Paraguai em US\$ 122,50.

E no Brasil, os preços se mantiveram firmes diante da conjuntura cada vez mais apertada de oferta interna, apesar da mudança de comportamento do produtor da safrinha. De fato, a semana iniciou com este produtor forçando mais as vendas de milho, diante de compradores menos interessados em comprá-lo.

Isso pressionou para baixo os preços no interior paulista em especial. Assim, o referencial Campinas iniciou a semana entre R\$ 42,50 e R\$ 43,00/saco CIF.

Durante a semana, o anúncio de exportações importantes em outubro mudaram um pouco a direção do mercado. De fato, o Brasil exportou 6,1 milhões de toneladas de milho em outubro, mantendo o ritmo forte dos meses anteriores. Até o final de outubro o Brasil exportou 34,4 milhões de toneladas de milho, havendo já registradas para embarque, em novembro, 3,4 milhões de toneladas. Ou seja, os estoques estão diminuindo rapidamente via exportação.

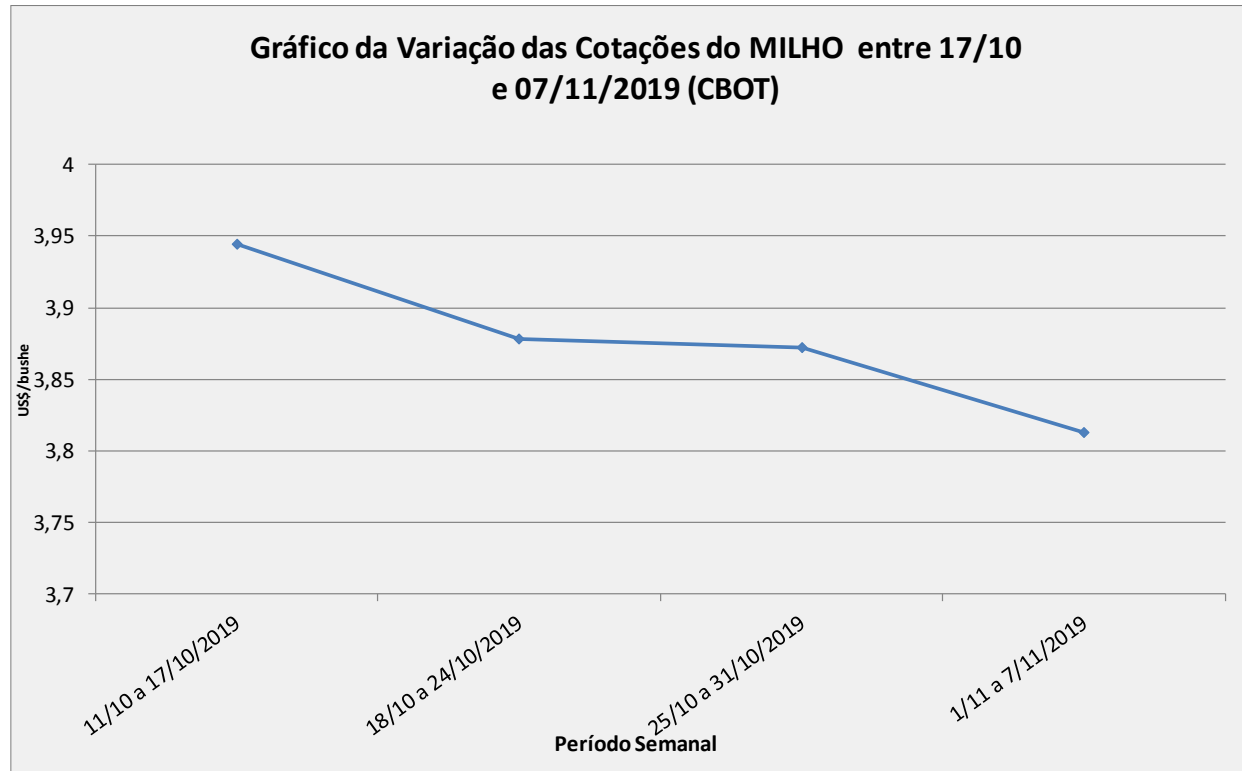
Neste contexto, além deste movimento exportador, há clara preocupação com a possibilidade de a safra de verão ser menor neste próximo período. Isso colocaria a entrada de milho novo apenas em março no Centro-Sul brasileiro. Tal quadro se dá pelo atraso no plantio em grande parte das regiões produtoras, devido a falta de chuvas (exceção do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Dito de outra forma, o mercado terá que se abastecer com milho da safrinha passada por mais cinco meses, o que é um longo tempo. São Paulo, por exemplo, possui apenas 20% do milho safrinha em disponibilidade neste início de novembro. (cf. Safras & Mercado)

Assim, o governo gasta seus estoques visando abastecer o mercado. Tal movimento ocorre no Mato Grosso, porém, os estoques públicos não poderão atender o mercado até março. Com isso, a tendência dos preços do milho, logo adiante, é de novas altas, dependendo particularmente da intenção de venda dos produtores. Aliás, no Mato Grosso, apesar dos leilões da Conab, os preços permanecem elevados. A safrinha 2020, por exemplo, acusa negócios ao redor de R\$ 23,30/saco para agosto, enquanto em Goiás as ofertas chegam a R\$ 28,50/saco para o mesmo período.

Diante deste quadro, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 34,18/saco, enquanto os lotes oscilam entre R\$ 42,00 e R\$ 43,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giram entre R\$ 29,00/saco em Sorriso e Sapezal (MT) e R\$ 45,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 42,00 nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos, e R\$ 43,00 em Alfenas (MG).

Enfim, o plantio da safra de verão, no Centro-Sul brasileiro, atingiu a 69% da área esperada, contra 75% um ano antes nesta época. O Rio Grande do Sul havia semeado 95% de sua área, o Paraná 93% e Santa Catarina 92%, estando até adiantados em relação ao ano anterior, exceção feita ao Paraná. Já os demais Estados produtores apresentam um atraso considerável na semeadura do milho de verão. É o caso, em particular, de Minas Gerais (25% plantado, contra 42% um ano antes); Mato Grosso do Sul (43% contra 72%) e de São Paulo (48% contra 80% no ano passado). (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 17/10/2019 a 07/11/2019.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, nesta primeira semana de novembro, apesar de oscilações relativamente importantes, apresentaram um viés de alta. O fechamento desta quinta-feira (07/11) ficou em US\$ 5,12/bushel para o primeiro mês cotado, contra US\$ 5,08 uma semana antes. A média de outubro ficou em US\$ 5,05, contra US\$ 4,79/bushel em setembro, confirmando a recuperação dos preços neste último mês.

O mercado trabalhou na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, a ser anunciado neste dia 08/11. O mercado espera que os estoques finais de trigo nos EUA, para 2019/20, fiquem em 28,2 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais alcancem 286,8 milhões.

Por outro lado, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA atingiram a 493.800 toneladas na semana encerrada em 24/10. As mesmas representam um acréscimo de 31% sobre a média das quatro semanas anteriores. O volume ficou dentro do esperado pelo mercado.

Já as inspeções de exportação atingiram a 293.360 toneladas na semana encerrada em 31/10, acumulando, no atual ano comercial iniciado em 1º de junho, um total de 10,9 milhões de toneladas, contra 9 milhões um ano antes.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 180,00 e US\$ 230,00, enquanto a safra nova argentina ficou em US\$ 180,00, em ambos os casos para a compra.

E no Brasil, os preços recuaram sensivelmente diante do avanço da colheita, mesmo com uma safra em quebra. A média gaúcha, no balcão, ficou em R\$ 35,52/saco no fechamento da semana, enquanto os lotes registraram R\$ 42,00/saco. No Paraná, o balcão ficou em R\$ 45,00, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 50,00 e R\$ 51,00/saco. Em Santa Catarina, o balcão se manteve em R\$ 42,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, recuaram para R\$ 46,20/saco.

O mercado brasileiro fechou outubro atento ao ritmo da colheita nacional e as constantes revisões para menos na produção final, devido às quebras climáticas, agora atingindo bastante o Rio Grande do Sul igualmente em função do excesso de chuvas. Além disso, há perda de qualidade do produto.

Por outro lado, o câmbio continuou mais favorável às importações, embora no final da semana o Real tenha voltado a se desvalorizar, chegando a R\$ 4,08 por dólar, após ter batido em R\$ 3,98 no início da mesma.

A possibilidade de quebra de safra também na Argentina, principal exportador do cereal para o Brasil, preocupa ainda mais o mercado. Os vizinhos somente iniciam sua colheita em meados de dezembro.

Mesmo faltando avaliações mais completas, já se estima uma produção brasileira de trigo ao redor de 5 milhões de toneladas. Longe das quase 7 milhões inicialmente projetadas e abaixo das 5,5 milhões colhidas na safra passada.

Ou seja, o país terá que importar mais trigo do que o inicialmente previsto, fato que aumenta a importância do câmbio no processo de formação dos preços internos, mesmo que de forma indireta. O fato é que, em se mantendo o atual nível cambial, uma quebra de safra no país deverá elevar, logo mais, os preços do trigo brasileiro, em especial o produto de qualidade superior. Enfim, deve-se agregar a este quadro externo a mudança no governo argentino e a possibilidade do retorno de políticas menos favoráveis às suas exportações, incluindo o trigo.

Em síntese, os preços do trigo brasileiro podem subir caso o Real volte a se desvalorizar para níveis superiores a R\$ 4,10 e a oferta argentina diminua. Caso contrário, mesmo com a quebra na produção e qualidade nacionais, os preços tendem a estacionar nos atuais níveis. Pelo sim ou pelo não, o fato é que o trigo de qualidade superior manterá uma boa demanda, enquanto o trigo inferior terá que ser escoado para o exterior, salvo se venha a ser utilizado em mistura com o produto superior para a fabricação de farinha. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 17/10/2019 a 07/11/2019.

